

JOÃO MALACA CASTELEIRO

CLEPUL – Universidade de Lisboa

José Leite de Vasconcelos (1858-1941)

Uma vida inteira dedicada à Ciência



Perfizeram-se, em 17 de Maio de 2011, setenta anos sobre o falecimento de José Leite de Vasconcelos, nascido em 7 de Julho de 1858, na vila de Ucanha, que pertencia então ao concelho de Mondim da Beira e hoje, ao de Tarouca. Ali viveu quase até aos dezoito anos, em contacto com usos e costumes antigos que marcaram indelevelmente a sua personalidade e traçaram o perfil de investigador incansável até à morte. No dealbar da maioridade, em 1876, habilitado com a instrução primária e alguns conhecimentos de latim e de francês, foi estudar para o Porto, onde em três anos fez o curso dos liceus, ao mesmo tempo que trabalhava como amanuense no Liceu do Porto e como auxiliar no Colégio de Santa Catarina, onde conseguiu alojamento. Com o seu vencimento, sustentava-se a si próprio e ainda ajudava a família, que, embora de origem aristocrática, vivia com sérias dificuldades económicas. De 1879 a 1881, tirou o curso de Ciências Naturais na Academia Politécnica do Porto e em 1886 formava-se em Medicina, com 28 anos de idade, tendo recebido o Prémio Macedo Pinto por ser o melhor aluno desse ano. Em 1887, depois de alguma atividade em consultório médico que abriu no Porto, foi nomeado subdelegado de saúde no concelho do Cadaval. Não era, porém, a vida de médico que o seduzia, já que ocupava todo o seu tempo em consultas e assistência aos enfermos, sem qualquer disponibilidade para continuar a dedicar-se aos estudos literários e à investigação etnológica, arqueológica e filológica, que constituíam os seus domínios de predileção. Teve, porém, a sorte de, em fins desse mesmo ano de 1887, ser nomeado conservador da Biblioteca Nacional, cargo exercido até 1911, ano em que, com a criação da Universidade de Lisboa, foi nomeado, por convite unânime do conselho escolar, professor da Faculdade de Letras, resultante da integração do anterior Curso Superior de Letras, fundado em 1859 por D. Pedro V, e no qual José Leite de Vasconcelos não tivera lugar. Exerceu a sua actividade docente até ao limite de idade, em 1928. Nos anos que lhe sobram até à morte, em 17 de maio de 1941, continuou, sem desfalecimento, o seu trabalho de investigação nas múltiplas áreas a que se dedicou.

José Leite de Vasconcelos viveu uma vida solitária. Por volta dos trinta e três anos tinha já casamento aprazado com uma sua prima, Matilde Brandão, a grande paixão da sua vida, mas o destino trocou-lhe as voltas, pois esta adoeceu gravemente e em pouco tempo faleceu. Sentimentalmente, nunca mais se recompôs.

José Leite de Vasconcelos foi um homem que se fez por si próprio. No Porto foi trabalhador-estudante. A par das matérias curriculares dos cursos de Ciências Naturais e de Medicina, em que se formou, José Leite de Vasconcelos celebrou-se, nacional e internacionalmente, como um homem de letras e ciências humanas. De facto, ele é autor de uma obra poética substancial, de bastante qualidade, mas pouco estudada, que abrange 68 espécimes, segundo o levantamento bibliográfico que Isabel Vilares Cepeda efetuou para o *Livro do Centenário (1858-1958)*, publicado pela Imprensa Nacional em 1960 (pp. 139-142).

José Leite de Vasconcelos era, sobretudo, um investigador nato, que cultivou várias áreas do saber e nas quais fez escola, como a numismática, a arqueologia, a epigrafia, a etnografia, a dialectologia, a toponímia, a crítica bibliográfica e a filologia em geral.

Em todos estes domínios aprendeu por si próprio, como rato de biblioteca. Ou não fosse ele durante quase um quarto de século conservador da Biblioteca Nacional. Mas aprendeu também com a leitura e o convívio dos Mestres da sua época, quer nacionais, como Adolfo Coelho ou Epifânio da Silva Dias, quer estrangeiros, como Carolina

BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA:

- *Teatro popular português* (coligido por J. Leite de Vasconcelos, coordenação e notas de A. Machado Guerreiro), 1.º vol.: Religioso; 2.º vol.: Profano; 3.º vol.: Açores, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1974-1978.
- *Filologia barranquenba: apontamentos para o seu estudo* (fac-símile), Lisboa, IN-CM, 1981.
- *Etnografia portuguesa*, Lisboa, IN-CM, 2007 (Reprod. fac-similada da edição de 1982).
- *Cancioneiro popular português* (coligido por J. Leite de Vasconcelos, coordenado e com introdução de Maria Arminda Zaluar Nunes), Coimbra, Universidade de Coimbra, 1975-1983.
- *Tradições populares de Portugal* (organização e apresentação de M. Viegas Guerreiro), Lisboa, IN-CM, 1984.
- *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, Lisboa, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1987.
- *Religiões da Lusitânia* (apresentação de José Manuel Garcia), Lisboa, IN-CM, 1988-1989.

Michaëlis de Vasconcelos ou Hugo Schuchardt, entre muitos outros.

Francisco Rebelo Gonçalves, que foi um dos seus discípulos maiores, define nos seguintes termos a amplitude do seu saber filológico: “Abrange não sei quantas províncias da filologia a sua actividade incomparável. Da história da língua à gramática histórica, da dialectologia à investigação etimológica, do estudo lexical ao comentário de textos, enfim da gramática comparativa das línguas românicas à glotologia geral, expande-se a assombrosa erudição que o eleva, de direito, a primeiro entre os pares, e cujas criações fundamentais o exalçam e consagram como grande filólogo iniciador” (*Livro do Centenário*, p. 53).

O reconhecimento internacional foi buscá-lo à Universidade de Paris (Sorbonne), onde frequentou, de 1899 a 1901, o curso de Filologia Românica e se apresentou, neste último ano, ao doutoramento com a tese *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, no qual recebeu a mais alta aprovação com a “mention très honorable”.

Este trabalho constituiu, porém, o culminar de diversas investigações dialectais que José Leite de Vasconcelos efectuou em diversas caminhadas pelo país inteiro, que ele calcorreou de norte a sul, desde pelo menos 1883. Destas investigações resultavam pequenos estudos que ia publicando, sob a forma de artigos, em diversas revistas, muitas de índole regional.

Neste domínio é bem conhecido o estudo pioneiro que efectuou sobre o mirandês, enquanto era ainda aluno de Medicina, e ao qual deve ter aplicado, segundo as palavras de Hernâni Cidade (*Livro do Centenário*, p. 38), “o método de minuciosa atenção à realidade, de rigor científico na relação dos fenómenos, ao qual a aprendizagem da medicina o deveria ter habituado”. Nos *Estudos de Filologia Mirandesa*, descreve de uma forma minuciosa como conseguiu a informação necessária em inquérito a Branco de Castro, também estudante no Porto, mas nascido em terras mirandesas e falante desta língua, concluindo do seguinte modo: “ao cabo de algumas horas, e com mais uma ou outra notícia que colhi posteriormente, obtive materiais que me bastaram para caracterizar, nas suas feições mais gerais, o mirandês” (cit. in *Livro do Centenário*, p. 39).

O seu interesse pelas Ciências da Linguagem está bem patente logo na tese de licenciatura em Medicina, apresentada na conclusão do curso, aos 28 anos, e intitulada justamente *A Evolução da Linguagem*.

Por outras áreas se dispersou. Porém, a sua avidez investigativa levou-o a produzir obras marcantes que fizeram escola, como *Religiões da Lusitânia, Tradições Populares de Portugal* ou *Etnografia Portuguesa*.

Preocupado com a irradiação científica do seu trabalho e de trabalhos alheios nas diversas áreas que cultivou, promoveu a publicação de revistas periódicas que se tornaram marcos de referência, com destaque especial para a monumental *Revista Lusitana*, cujo subtítulo é bem elucidativo do alcance pretendido pelo seu criador: “Arquivo de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal, publicado com a colaboração dos especialistas portugueses e de alguns estrangeiros”, cujo primeiro volume abrange os anos 1887-1889 e o último, em sua vida, com o n.º 38, tem a data de 1941, ano do seu falecimento, possuindo quase sempre cada volume mais de 300 páginas, ou ainda *O Archeologo Portugues*, com o subtítulo “Colecção ilustrada de materias e notícias, publicada pelo Museu Etnográfico Português”, que abrange 30 volumes, datados entre 1895 e 1938, quase sempre cada um deles com 300 a 400 páginas.

Manuel Viegas Guerreiro, um outro dos seus discípulos maiores, define assim as suas qualidades de investigador: “Caracterizava os seus processos de trabalho um rigorosíssimo amor da verdade. Era paciente e minucioso na investigação, insatisfeito com as provas, que tinham de ser muitas e de vir de todas as fontes de informação para o convencer. E se, porventura, ao fim de meses de operosa actividade, erguido já o monumento por inteiro, vinha a verificar que um dos suportes era falso, não hesitava em desfazê-lo de alto a baixo para de novo e com humildade recomeçar a pesquisa” (*Livro do Centenário*, p. 135).

Investigador exímio e aturado, José Leite de Vasconcelos deixou uma obra vastíssima e monumental que abriu caminhos de pesquisa nas várias áreas científicas de que se ocupou. Isabel Vilares Cepeda fez o levantamento minucioso e exaustivo da sua bibliografia, que vem publicada no *Livro do Centenário (1858-1958)*, a qual ocupa 126 páginas e está distribuída pelas seguintes rubricas: I – Poesia (1-68 espécimes); II – Etnologia Portuguesa (69-698 títulos); III – Filologia (699-978 títulos); IV – Poligrafia (979-1110 títulos); V – Publicações Periódicas (1111-1117 títulos); VI – Opúsculos (rubrica 1118: I-VII, obras distribuídas por Filologia, Dialectologia, Onomatologia e Etnologia); VII – Críticas Bibliográficas (119-

1243 recensões críticas). Este levantamento bibliográfico, que se desdobra em vários subtítulos, mostra bem o potentado que é a vastíssima obra que José Leite Vasconcelos produziu, incansavelmente, ao longo da sua vida.

Mas, José Leite de Vasconcelos não foi só um talentoso investigador multifacetado, nem apenas um atento e dedicado professor que formou discípulos de alta craveira nas diferentes áreas científicas a que se dedicou, ele foi também um fundador de instituições com as quais visava não apenas promover o saber, mas sobretudo conservar o vastíssimo espólio cultural por si descoberto e pelos que com ele trabalhavam. Foi assim que fundou, em 1893, o Museu Etnológico Português, considerado um dos melhores da Europa, que ele enriqueceu ao longo dos anos com cerca de vinte mil objetos, rigorosamente catalogados, servindo de suporte a um curso de arqueologia e etnografia nacionais. Orlando Ribeiro (*Livro do Centenário*, pp. 72-73) descreve nos seguintes termos o acervo valiosíssimo que vai acumulando no Museu: “Leite de Vasconcelos não fará uma excursão, em Portugal ou lá fora, que não traga para o seu museu objectos novos. Regularmente, em resultado de inúmeras explorações de norte a sul do País, vão-se acumulando os instrumentos paleolíticos, as infindas variedades de pontas de seta e pontas de lança, as *pedras de raio* (machados neolíticos), os *chapões* de lousa, espólio de antas exploradas, os machados de bronze, as primeiras armas de ferro, as estátuas toscas de *berrões* ou de guerreiros lusitanos, os finos mosaicos da época romana, os vidros delicadamente irisados, as aras votivas de velhos deuses lusitanos que os crentes já imploravam em latim. A par com a secção propriamente arqueológica desenvolvem-se muito duas outras: a epigrafia, conjunto vastíssimo de inscrições romanas, e a numismática, que abrange também especialmente peças da mesma época”. A par do Museu, Leite de Vasconcelos criou, em 1895, a revista *O Arqueólogo Português*, através da qual procurou divulgar as diversas aquisições arqueológicas, epigráficas, numismáticas e etnográficas, contribuindo assim, de uma forma indelével, para o conhecimento do riquíssimo património português.

Estudioso incansável e desejoso de aprofundar e ampliar os seus conhecimentos, rumou a Paris, em 1899, para frequentar Filologia Românica, na Sorbonne e no Colégio de França, e, como foi dito atrás, realizar o doutoramento. Orlando Ribeiro (cf. *Livro do Centenário*, pp. 73-74) caracteriza assim o período intenso que aí passou: “Os três anos em que sucessivamente frequentou Paris viveu-os febrilmente: cursos, museus, monumentos, bibliotecas, tudo o que constitui, para um trabalhador do espírito, o deslumbramento da grande cidade, foi criteriosamente aproveitado pelo autodidacta que, ao mesmo tempo, levava as luzes do seu próprio saber e aproveitava corajosamente a última ocasião de completar a sua cultura com os ensinamentos dos outros”. José Leite de Vasconcelos era, porém, já sobejamente conhecido dos grandes da Filologia na cidade-luz como Gaston Paris ou Morel Fatio, que o solicitou para fazer conferências sobre Filologia Portuguesa na École des Hautes Études.

Segundo Manuel Heleno, outro dos seus discípulos maiores, pode dizer-se que “a obra de Leite de Vasconcelos se caracteriza: 1.º Por um profundo sentido nacional pela aplicação das conquistas da ciência universal ao campo português; 2.º Pelo domínio das mais variadas fontes e de um saber enciclopédico, que lhe permitiram um poder de relação único na história da nossa cultura; 3.º Por uma riqueza de temas e factos novos, que levantaram e levantam problemas, permitem revisões e abriram novas perspectivas à ciência” (*Livro do Centenário*, p. 50).

Em suma, pretendemos, com esta breve nota biobibliográfica, prestar homenagem ao grande vulto das Ciências Humanas que marcou profundamente o último quartel do século XIX e a primeira metade do século XX nos domínios da Dialectologia, da Arqueologia, da Etnografia e da Filologia Portuguesa, em geral. Vulto que a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde José Leite de Vasconcelos foi professor durante o primeiro quartel da sua fundação, bem recorda, tanto mais que recebeu em doação uma grande parte do seu acervo bibliográfico, mormente do domínio filológico, e conserva uma das suas salas de aula com o nome deste ilustre pedagogo e investigador. ▼